APLAUSO

guia de teatro

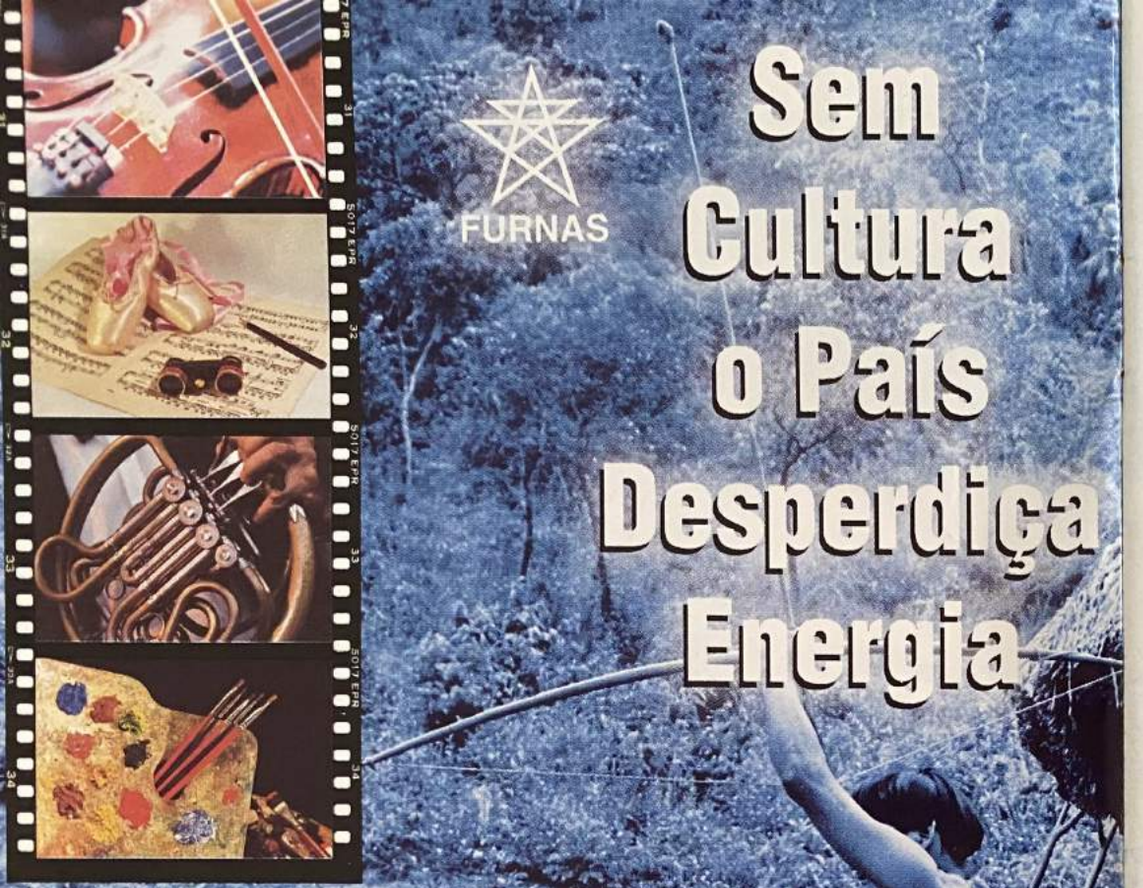
ANO III Nº 17

EXEMPLAR GRATUITO

A Rosa Tatuada

Drama, comédia e um final feliz. De Tennessee Williams.

● Jornal do Teatro ● Peças em Cartaz ● Carlos Eduardo Novaes ● Domingos de Oliveira ● Glória Menezes ● Ivone Hoffmann ● Marília Pêra ● Regina Miranda



FURNAS entende de iluminação e sabe que a pior escuridão é a falta de identidade cultural de um povo. É por isso que boa parte de sua energia é distribuída às diversas linhas de transmissão cultural. Através de apoios e patrocínios, FURNAS mantém acesas as manifestações artísticas mais representativas do país. Divulgando a nossa história e os processos criativos dos seus autênticos agentes culturais, o Brasil ganha visibilidade internacional e garante muita luz sobre às atuais e futuras gerações.

FURNAS CENTRAIS ELÉTRICAS SA
www.furnas.com.br
ELETROBRÁS
MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA
GOVERNO FEDERAL

BASTIDORES

O jogo do faz-de-conta

"Quero falar do encantamento e das maravilhas da profissão teatral, ou será vocação? A verdade é que essa paixão avassaladora pelo teatro me contagiou em 1967 e vive até hoje dentro de mim, direcionando a minha carreira e coroando-a com quatro honrosos prêmios e outras tantas indicações. Entre as inúmeras montagens de que participei como atriz e diretora, destaco *Hair*, de Jerome Ragni, que foi um marco no teatro brasileiro, *Gata em Teto de Zinco Quente*, ao lado de Vera Fischer, *Suburbano Coração,* de Naum Alvez de Souza, onde contracenei com Fernanda Montenegro. Durante todos esses anos, desperdicei inúmeras oportunidades de fazer personagens em novelas para me dedicar aos palcos. Porém, cheguei a realizar alguns importantes trabalhos em TV como as novelas *Vira Lata* e *A Justiceira*, na Rede Globo, e a primeira novela da Bandeirantes, *Os Miseráveis*. Participei também dos seriados *Tereza Batista Cansada de Guerra* e *Mulher*.

De todos os fatos e fados da minha vida, o ato de atuar sempre foi prioridade, quase um pacto com o imponderável, que é penetrar na cerne das questões humanas, na alma do outro. No jogo lúdico teatral do faz de conta, compreender seriamente o mundo, o homem e sua função social.

Há 35 anos vivo modestamente com muita glória do teatro. Ali, no tablado, descobri que também posso organizar, contribuir com minhas idéias na interpretação do texto teatral. Lenta e discreta como boa capricorniana, vou orientando o conhecimento de jovens atores numa profissão na qual exercemos plenamente a palavra democracia. Profissão que pouco ou muito talento e até mesmo idade não conta. Somos todos iguais à procura de um personagem."

Ivone Hoffmann, atriz e diretora, junho/2000

JORNAL DO TEATRO

O sapateado dos ratos

Alice Borges volta a interpretar o papel que lhe valeu a indicação de melhor atriz no Mambembe de 94. Como sua hilária Cegonha Regina, arranca gargalhadas no musical infantil **Tip e Tap – Ratos de Sapato**, que comemora os sete anos da Cia. Musical. A direção é de Ronaldo Tasso. No Teatro das Artes, Shopping da Gávea, aos sábados e domingos, 17h. Leve a garotada e divirta-se também.

Dr. Praxedes, um político

Othon Bastos corrige a revista Aplauso, que confundiu seu personagem na peça **SOS Brasil**. O Dr. Praxedes não é um médico sem caráter, como afirmamos no último número, mas um político corrupto. Falha nossa, mil desculpas!

Tempos de chanchada

Não foi por acaso que Djalma Thürler situou **Este Mundo é um Pandeiro** entre 1939 e 1959. Em 39, Getúlio Vargas sancionou uma lei de proteção ao filme nacional que motivou a fundação da Atlântida. Em 59, nasceu o Cinema Novo e a chanchada terminou. O espetáculo atual, uma crônica musical (Teatro Gláucio Gil), tem o mesmo título de uma comédia de Watson Macedo, encenada em 47, e do livro do jornalista Sérgio Augusto sobre chanchada, publicado 89. Revival total. Para recordar ou conhecer.

Amores brejeiros

A atriz e produtora Valéria Seabra escolheu três crônicas de Arthur Azevedo que falam de amor para montar **Brejeiri-ces**, que estréia dia 23 de julho no Teatro Villa-Lôbos. Os textos serão encenados na íntegra por dois atores (a própria Valéria e Renato Peres), que se revezam como narradores e personagens. A direção é de Daniel Marques. Agende-se.

GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)511-1390 e (21)511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (arte), Maria Lúcia Rangel e Dalila Magarian (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Murillo Meirelles/Divulgação.

Concurso Nacional de Textos Teatrais Inéditos.

Faça o seu papel. Escreva.

Para público adulto e infantil.

Pegue o regulamento e a ficha de inscrição nos seguintes locais: Delegacias Regionais do Ministério da Cultura • Sub-regionais e Museus do IPHAN • Secretaria de Cultura do seu Estado ou Município • Universidades Federais e Estaduais • Site do Ministério da Cultura: www.minc.gov.br
Mais informações pelo telefone: (0xx61) 316-2337

Inscrições de 15 de julho a 15 de agosto.

MINISTÉRIO DA CULTURA
Secretaria da Música e Artes Cênicas

GOVERNO FEDERAL
Trabalhando em todo o Brasil

Colecione, assine!!!

Assinatura semestral

R$ 18

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 511-5344

ou e-mail:

aplauso@gbl.com.br

PALAVRA DA SBAT

Uma jovem velha senhora

Carlos Eduardo Novaes é o presidente da Sbat

"Sim, a Sbat, Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, é uma velha senhora de 83 anos, a mais antiga sociedade arrecadadora do país, fundada por Chiquinha Gonzaga, entre outros. Mas quem ouve a Sbat hoje, pode confundi-la com uma adolescente cheia de sonhos. Rejuvenesceu as idéias, a cabeça, o espírito. Decidiu correr atrás do tempo perdido e está cheia de planos.

Estamos dando a partida em um projeto de formação de platéia, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro: um ciclo de leitura de peças que percorrerá escolas e bibliotecas públicas. Em São Paulo, negociamos o projeto com 50 escolas privadas. Temos pronto também um projeto para os 500 anos do Brasil, com um repertório de peças sobre a nossa História.

No plano internacional, voltamos a participar do Comitê Iberoamericano da CISAC e ativamos um contrato de reciprocidade com a ADAGP (Associação de Artistas Gráficos e Plásticos), com sede em Paris. Significa que passamos a proteger os direitos autorais dessa categoria de artistas. No plano interno, estamos atualizando nosso CPF – Centro de Processamento de Dados –, que era da Idade da Pedra. Estamos refazendo nossa rede de agentes em todo o país e já marcamos para 1º. de agosto a volta da nossa revista, a única especializada em Artes Cênicas. Aguardem!

Para que a Sbat, porém, se bote de pé, não basta seu entusiasmo juvenil. É preciso que seus associados de vez em quando ajudem a empurrar sua cadeira de rodas (temporária). Mais que isso, é preciso que os autores, roteiristas, tradutores e artistas plásticos lutem, com consciência, por seus direitos autorais. Em todo o mundo civilizado se recolhe direitos de televisão (aberta e a cabo), inclusive nossos vizinhos uruguaios e argentinos. Somente o Brasil continua a 'ver navios' (ou caravelas). Esta é uma briga de cachorro grande e a Sbat necessita do apoio de todos. O direito autoral também é um direito humano. Um direito dos criadores que, com sua arte, fazem este mundinho girar melhor."

WIT Jornada de um poema

Glória Menezes vive o drama de uma professora que se descobre com câncer.

Por Maria Lúcia Rangel

Margaret Edson, autora de **Wit – Jornada de um Poema**, deixou claro numa entrevista à revista City Arts que sua peça não é sobre câncer ou sobre medicina e médicos. Seu texto é sobre uma mulher, Vivian Berling, interpretada por Glória Menezes, que procura dar o melhor de si numa situação difícil. Uma pessoa que já foi muito bem sucedida em outras ocasiões e agora se vê falhando quando tem de enfrentar um câncer, a medicina e os médicos. **Jornada de um Poema** está no Teatro Leblon e marca a estréia de Diogo Villela na direção. Glória Menezes explica porque escolheu este texto para comemorar 40 anos de carreira, considerando-o "uma das melhores peças desses meus 40 anos de carreira e acredito, a mais impactante".

Você assistiu *Wit* nos Estados Unidos?

Glória Menezes: Sim, em agosto do ano passado. Ela me impressionou muitíssimo e o personagem é uma dádiva na faixa de idade em que estou, dando chance a muita coisa. É uma professora de literatura com 50, 55 anos, que viveu a vida inteira codificando os versos de John Donne e, quando se vê diante do imponderável, passa a analisar a vida dela e a entender a poesia que ela ensinou a vida inteira mas, sobre a qual, passou por cima.

Quais seus pontos em comum com ela?

G.M.: Acho que basta ser mulher para ter pontos em comum. Mas não dá para você dizer o que é que bate. É difícil. Bate tudo e não bate nada. Porque ela é uma mulher que pensa totalmente diferente de mim. Está passando por um problema que nunca passei na vida, um câncer, fazendo quimioterapia, perdeu os cabelos. Ela está me ensinando coisas. Estou me expondo, como atriz e como ser humano. Porque não é só um despojamento. É uma exposição.

E a idéia de o Diogo Villela dirigir, foi sua?

G.M.: Foi uma série de coincidências. Eu sempre quis ser dirigida pelo Diogo, como quis ser dirigida pelo Nanini, porque acho que são coisas novas com as quais você se depara. Desafios são sempre interessantes. Não que ache que os diretores que estão por aí não são bons. Mas é uma coisa instigante ter o Diogo como diretor.

Não é uma peça pessimista?

G.M.: Não, pelo contrário. Podia ser o câncer como qualquer outra coisa. Não existe pieguismo.

Você teve medo de raspar a cabeça? Deve ser uma coisa complicada.

G.M.: Eu já exorcizei isso. Não se tornou um problema para mim. Ou fazia a peça com a cabeça raspada ou não a fazia. Não ficaria "verdade" se não tivesse raspado a cabeça.

Como está sendo sua experiência com o Diogo? Vocês estão trocando experiências?

G.M.: Muito. Eu conheço o Diogo há muito tempo. Somos grandes amigos. Ele é uma pessoa muito intuitiva e tem um amor enorme pelo teatro. E é um menino que tem conhecimento. Trabalhou com Morineau, Ziembinsky e sempre andou pelas áreas da direção, porque sempre se interessou por ela.

Fotos: Adriana Pittigliani/divulgação

A rosa tatuada

Drama, comédia e um final de feliz. Com a benção de Tennessee Williams.

Por Maria Lúcia Rangel

Durante quase dois anos, a atriz Louise Cardoso batalhou por um patrocínio. Uma trabalheira. E continua sendo, já que, além de estrelar a peça, ela também faz a produção. Mas Louise acredita na Serafina, um personagem completo numa peça que tem elementos de tragédia grega, romance, sensualidade e humor. Perfeita para ela, já que a atriz gosta de transitar nas duas áreas, drama e comédia. Com direção de Felipe Tenreiro e tradução de Flávio Marinho, *A Rosa Tatuada*, que estréia dia 9 de junho no Teatro Leblon, reúne um grupo de atores com vínculos profissional e afetivo. Com exceção de Mariana Ximenes, são todos crias do Tablado. Não é por acaso que Louise dedica a peça à Maria Clara Machado.

Esta não é a primeira vez que Louise enfrenta um texto de Tennessee Williams. Em 85, ela interpretou a Stella de **Um Bonde Chamado Desejo**, com Tereza Rachel como Blanche Dubois. Só que agora ela faz a única peça do autor com humor e final feliz. Apesar de escrita em 51, a montagem carioca não especifica tempo, mas Serafina é uma mulher antiquada que mora numa casa antiquada. A máquina de costura do personagem, lembra Louise, é de 1949.

Para o diretor Felipe Tenreiro, o texto é uma síntese de poesia, humor e drama. Conta a história de Serafina, uma imigrante siciliana, apaixonada pelo marido motorista de caminhão, que um dia recebe a notícia de que ele foi assassinado porque transportava mercadoria ilícita debaixo das bananas, a carga oficial. Serafina passa a viver em função da memória do marido. A mulher exuberante, de sensualidade transbordante, se transforma. Não sai mais de casa, vive de camisola e se dedica exclusivamente à filha Rosa (Mariana Ximenes) e ao trabalho de costura. Uma vida reclusa.

Três anos depois, Rosa, com 15 anos, se apaixona por um jovem marinheiro

Louise e Leonardo: segunda chance para a paixão.

Fotos: Murillo Meirelles/divulgação

(Caio Junqueira). Este fato e as suspeitas de vizinhas invejosas (Bia Junqueira e Sura Berditchevisky) de que seu falecido marido tinha uma amante (Ana Cotrin), levam Serafina a um estado de quase loucura. A situação é complicada ainda mais pela chegada de outro motorista de caminhão (Leonardo Brício), que se apaixona por ela e tenta conquistá-la, reavivando seu desejo sexual. O personagem se defende reprimindo a filha. Só quando confirma a infidelidade do marido, Serafina consegue se entregar ao novo amor.

A professora e o aluno

Há tempos Louise estava querendo trocar experiência com Felipe Tenreiro. Ele foi seu aluno no Tablado e várias vezes foi dirigido por ela em peças do grupo Diz-Ritmia, que com outro grupo, o Manhas e Manias (o grupo atual fez parte de ambas), marcaram uma época revolucionária do teatro brasileiro.

"O Felipe é muito seguro, é português, com aquela cabeça européia, *caxias*. Foi ele quem me apresentou este texto de Tennessee Williams. O Flávio Marinho traduziu, o Felipe fez uma pequena adaptação e viabilizamos a produção e o patrocínio, do Leite de Rosas, da Eletrobrás e apoio da Prefeitura e da Embratel. O Leite de Roas tem tudo a ver. O personagem do Leo (Leonardo Brício) usa óleo de rosas no cabelo, o meu marido se chamava Rosário e minha filha Rosa. E o nome completo do meu personagem é Serafina delle Rose", conta Louise.

Tudo em família

Produzir dá trabalho, mas sai do jeito que Louise quer. Ela se qualifica meio mamma, com tendência a aglutinar. Tanto que adorou a idéia do diretor de ajudas mútuas entre o elenco.

"Temos uma camareira somente, porque ele faz questão de que os atores troquem uns aos outros. Maquinista também é um só. É nossa filosofia. Temos uma preparação corporal antes dos ensaios, onde nos tocamos. Somos um grupo", diz ela.

Leonardo Brício foi seu aluno, mas é a primeira vez que trabalham juntos.

Mariana Ximenes estréia no teatro.

Sura Berditchevisky foi a primeira pessoa com quem Louise contracenou na vida. Bia Junqueira foi atriz do Diz-Ritmia e a professora do Tablado a quem Louise entregou sua turma quando saiu. Ana Cotrim foi aluna de Bia. Luiz Otávio Moraes também é professor do Tablado. E Caio Junqueira, sobrinho de Bia. Só Mariana Ximenez é novata no grupo, mas também tem apenas 19 anos.

"Foi o Flávio Marinho quem teve a sacada. Não estávamos achando a minha filha. Até que o Flávio viu uma foto da Mariana e me disse que era ela. Eu estava gravando *Força de um Desejo* quando ela se apresentou a mim, sem saber de nada", conta Louise. "Conversamos e eu fui ver a gravação da novela que ela fazia. Começamos então a ler o texto, sem compromisso, e deu tudo certo. É sua primeira peça. Um papel bom e muito difícil. É engraçado porque a emoção da Mariana é igual à minha. Além de sermos parecidas fisicamente."

Mas a turma do Tablado não se restringe ao palco e direção. Hélio Eichebauer faz o cenário. Rogério Wiltgen, a iluminação. Pedro Sayad assina os figurinos e Dany Lima, a direção de movimentos. A música original e a sonorização são de Marcos Cunha.

o amigo oculto

Comédia inédita de Augusto Boal, com direção de Marília Pêra e um elenco que garante as gargalhadas do público.

Por Dalila Magarian

Vai ser fácil identificar a cena: chega o final do ano e a família, reunida, faz a sua festa de Natal com direito à distribuição de presentes do amigo oculto. Quem nunca participou de um desses sorteios entre parentes e a "pagação de mico" que jogue a primeira pedra. Ou, melhor, que desperdice a primeira gargalhada, já que o diretor e dramaturgo Augusto Boal esmerou-se para contar, no estilo de uma grande comédia boulevard, todos os detalhes do que acontece antes, durante e depois desse grande momento familiar.

O espetáculo é requintado não apenas pelo autor, mas também pela direção competente de Marília Pêra e um elenco que já deu provas de saber como conquistar o riso do público: Françoise Forton, Fafy Siqueira, Débora Olivieri, Sílvia Aderne, Mário Cardoso, Reinaldo Gonzaga, Alexandre Barbalho e Cláudio Ghiesse. O texto e o roteiro são dinâmicos em vários sentidos. Primeiro, pelo entra-e-sai de personagens o tempo todo do palco e o grande número de situações inusitadas criadas pelo autor. Segundo, porque se pretende, também, ser um espetáculo interativo: cada um dos atores irá distribuir presentes ao público durante o desenrolar da trama, com direito a improvisos da comediante Fafy Siqueira. Terceiro, porque os atores irão também cantar e dançar.

Marília Pêra diz ter aceito com prazer a proposta de dirigir a peça de Augusto Boal porque o próprio autor permitiu que ela conduzisse o texto de uma forma solta e descontraída, sem que fosse necessário pesar a mão no enfoque politizado do roteiro original. "Eu não saberia fazer de outra forma. O resultado é que a peça ganhou um toque de leveza", diz a diretora. Fascinada pelos musicais, Marília também sugeriu que cada um dos nove personagens tivesse a sua própria trilha sonora, e decidiu unir todos ao final com um grande número de canto e coreografia.

Os atores e seus personagens

Silvia Aderne é dona Flor: senhora centenária, sofre de distúrbios psíquicos, físicos e psicossomáticos.

Fafy Siqueira é Rosa: uma leitora frenética de escritores revolucionários.

Esperança Motta é Mariana: empregada doméstica e fanática religiosa.

Cláudio Ghiesse é Milord: o jovem filho de Elvira e Robertão, meigo e doce.

Françoise Forton é Elvira: foi capa de revistas eróticas, mas os anos atropelaram sua beleza. Hoje, observa rigoroso recato voluntário, regado a vinho.

Mário Cardoso é Robertão: não se conforma em ter só a esposa, pretende converter-se ao islamismo e oficializar outras três mulheres a que terá direito.

Reinaldo Gonzaga é Barão: funcionário do governo, joga na Bolsa de Valores e não distingue negócios lícitos de ilícitos, facilitando a própria vida.

Débora Oliviera é Eudóxia: casada com o Barão, pragmática e esteio da família, é o último bastião do moral.

Alexandre Barbalho é Joaquim: homem simples que sabe dirigir tratores e caminhões, menos pessoas.

Foto: Bruno Veiga/divulgação

Um casamento inusitado: a tradição da antiga Pérsia e os recursos da Internet.

Por Dalila Magarian

Ghazal

O espetáculo *Ghazal*, montagem da Cia Regina Miranda e Atores Bailarinos que comemora as duas décadas de trabalho do grupo, inspira-se na literatura de Jalalludin Rumi, o maior poeta místico da tradição persa e árabe. Mas foi buscar, também, nos modernos recursos da Internet, uma nova forma de criação artística. Morando a maior parte do ano nos Estados Unidos, onde é coreógrafa do Ballet Hispanico of New York, Regina Miranda promoveu através da Web os ensaios para o espetáculo. "Discutia idéias e novas coreografias com o grupo através de chats e e-mails. Com o uso de câmeras digitais, podia sugerir sequências de movimentos e visualizar o desenvolvimento do trabalho", conta a diretora.

A artista também aproveitou os recursos do computador para lançar uma proposta de colaboração internacional. Como resposta, recebeu dezenas de mensagens de vários cantos do mundo. Essas participações incluíram idéias, poemas e até sequências de movimentos de bailarinos como Jody John Ramey, da Washington State University. "*Ghazal* é uma celebração da vida, da poesia e da dança, mas também das possibilidades de interação artística do mundo contemporâneo", diz Regina.

O espetáculo

Dividido em dez cenas inspiradas na obra de Rumi, *Ghazal* marca um momento de reflexão da companhia. "São trechos que expressam simbolicamente o nosso percurso e nutrem os nossos próximos passos", afirma a diretora. Os textos que dão nome a cada parte desse delicado mosaico são *O Chamado*, *Pequena Epifania*, *O andador e os pássaros*, *Aonde?*, *Quando?...Silêncio!*, *Arrebatamento*, *Entre voz e a presença*, *Eles caíram... e caindo ganharam asas*, *Embriaguês*, *A perda* e *Sama*. *Ghazal* trás ainda uma música inédita, escrita pela atriz Beth Goulart a partir dos textos do poeta.

Um telão, que ocupa todo o fundo do palco, vai conduzir o público numa viagem por diversos rituais religiosos em todo o mundo. O trabalho faz parte da pesquisa mais recente de Shalom Gorewitz, videasta americano que desenvolve desde 73 uma longa parceria com coréografos americanos. Ora ocupando toda a extensão da tela ora como um pequeno detalhe, as projeções remetem a diversas geografias, como lugares sagrados no México, cultos em Israel e no Japão.

Outro elemento importante, os figurinos fazem a relação entre religiosidade e os dias atuais, mesclando batas tibetanas à última coleção do estilista Issey Miyake. Como explica a diretora, "assim como *Ghazal*, o trabalho de Miyake busca referências no passado, mas é extremamente contemporâneo".

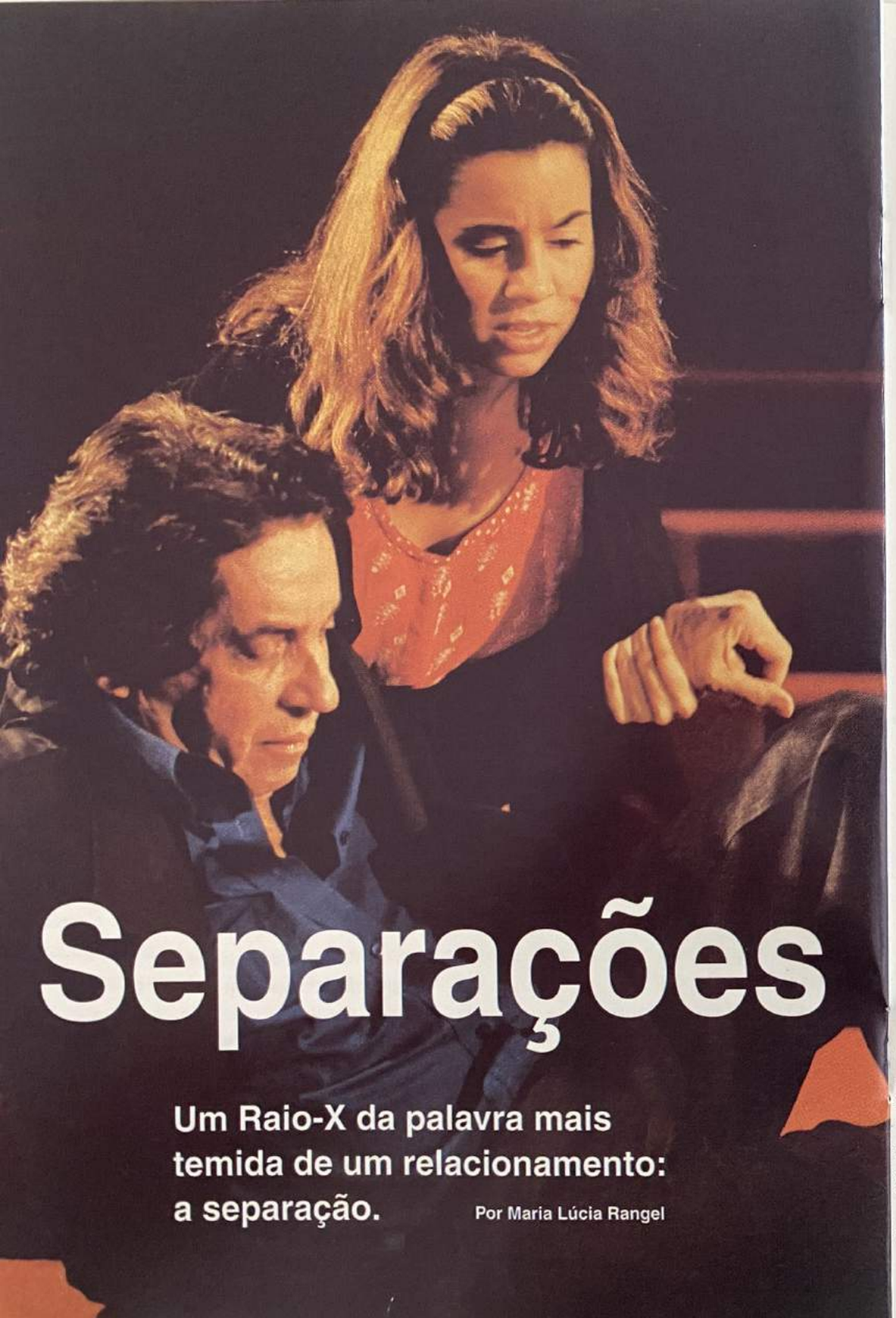
O grupo

A Companhia Regina Miranda e Atores Bailarinos foi criada em 1980. Com uma linguagem original e grande precisão técnica, a Cia arrebatou vários prêmios, como o prêmio Fiat, pelo roteiro de *Perigo de Vida*. Recebeu, ainda, o prêmio Funarte pelo conjunto de obra, o prêmio Especial do Júri no Japão, em 94, e o prêmio Teatro Jovem Coca Cola, em 97.
Formada pelos atores bailarinos Adalberto Souza, Adriana Bonfatti, Ana Beviláqua, Henrique Schüller, José Paulo Corrêa e Marina Salomon, a companhia está unida há doze anos. "Posso dizer que é uma orquestra afinada, constituída por artistas maduros em sua arte, com personalidades e carreiras extensas", elogia a diretora.
Além de *Ghazal*, o grupo ensaia o espetáculo *The Voyage*, um evento multimídia ainda sem data de estréia.

O chamado

"Atenta para as sutilezas
que não se dão em palavras.
Compreende o que não se deixa
Capturar pelo entendimento.

A Antiga estória de amor
Entre a alma e o coração
Regressa sempre
***Em vestes renovadas.*"**



Separações

Um Raio-X da palavra mais temida de um relacionamento: a separação.

Por Maria Lúcia Rangel

Fotos: Silvio Pozatto/divulgação

Domingos de Oliveira sempre achou que as obras, para serem vigorosas, tinham de ser autobiográficas. Foi o que ele fez a vida toda. Desde os filmes que dirigiu nos anos 60, **Todas as Mulheres do Mundo** e **Edu Coração de Ouro**, até as peças que escreveu quando se voltou para o teatro. **Amores**, a última, virou filme em 98. A mais nova, **Separações**, que estreou no dia 26 de maio no Teatro do Planetário, no entanto, é uma obra de ficção. A primeira de Domingos. Usou dados da realidade, mas manteve a "mentira entronizada" em seu lugar de direito. Para o autor, ela é a alma do negócio.

A peça descreve o fim de um grande amor, uma separação. Ao lado da mulher com quem é casado há 18 anos, Priscilla Rozembaum, Domingos, também o diretor, sobe ao palco como o artista e intelectual de 60 anos de idade, ainda casado, mas que se separa logo depois. No elenco estão também Rocardo Kosovski, Nandda Rocha, Maria Ribeiro, Suza Saldanha e Fábio Junqueira:

"Trata-se de uma comédia, sem dúvida", explica Domingos. "Dramática, mas comédia. E, de alguma forma, faz a pergunta: o que é uma separação? Se é uma coisa tão comum, por que sempre dói tanto? E como uma separação nunca vem sozinha, é virótica, surgem os outros personagens que, de uma forma ou de outra, também se separam".

Basicamente um escritor de teatro e cinema, Domingos dirige, interpreta, faz luz e trilha, e também a produção. Tudo isso porque "este me parece o melhor caminho para proteger o autor. As intenções e o estilo do escritor."

Cinco fases e um final feliz

Quando começou a escrever, há dois anos, Domingos diz que os personagens, já em sua cabeça, o acordavam à noite e exigiam que ele provasse que o amor existe. Mas eram personagens soltos no ar. Engraçados, vivos, apaixonados, mas sem uma estrutura teatral. Precisavam de uma espinha dorsal.

"Foi quando me lembrei do livro **Da Morte e do Morrer**, da psiquiatra alemã Kubler-Roth, que ao estudar doentes terminais constatou que eles seguem sempre o mesmo caminho: da notícia da doença até o momento final", diz ele. "São cinco fases: Negação, Negociação, Revolta, Aceitação e Agonia, também chamada de Estado de Graça. E compreendi que, sendo as separações uma morte, elas seguem um caminho semelhante. A peça tem as cinco fases da psiquiatra alemã."

Daí em diante, ele admite que foi fácil desenvolver a peça. Sabendo o caminho, basta andar. E a partir desse momento começou a se divertir colocando várias características de sua vida pessoal e da vida dos amigos e inimigos.

"*Separações* é um trabalho mostrando que, para o homem lúcido, não existem separações. O amor, sendo o mais nobre tipo de energia, também segue a lei de Lavoisier: transforma-se sem perder-se em nada". Quem não acredita, basta conferir...

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

Ai, Ai, Brasil – Os Outros 500

A peça de Sérgio Britto e Clovis Levy retrata com humor o Brasil pitoresco e cheio de malícia nas relações entre índios, brancos e negros. Direção de Sérgio Britto. No elenco, Sérgio Britto, Suley Franco e Nildo Parente. **Teatro UniverCidade** (Rua Humaitá, 275, Humaitá). Fone: 527-1497. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20.

Alice Através do Espelho

A partir da obra de Lewis Carrol, o espectador é convidado a acompanhar Alice num mundo recheado de nonsense. Texto de Maurício Arruda Mendonça. Direção de Paulo de Moraes. No elenco, Flávia Fafiães, Patrícia Selonk, Simone Mazzer. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, Lapa). Telefone para reservas (máximo de 50 pessoas por sessão): 554-5281. Sábado (18h e 20h) e domingos (18h). R$ 15. Até final de junho.

Alma de Todos os Tempos

Musical de Gabriel Vilella e Eriberto Leão inspirado na vida de Jesus e na influência dos jovens contestadores dos anos 60 e 70 nos dias de hoje. Elenco: Eriberto Leão, cantora Nábia Vilella e a banda Estranhos. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523-9794. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R$10.

Aniversário de Casamento

Texto de Sérgio Abritta sobre a relação de um casal ao longo de duas décadas. É a primeira montagem do texto que ganhou o prêmio Oduvaldo Vianna da União Brasileira dos Escritores. Direção de Cláudio Handrey. Com Eduardo Pires Rabello, Roberta Cox e Guilherme Senna. **Espaço 3 do Teatro Villa Lôbos** (Av, Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 275-6695. De quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$5 (qua.), R$10 (qui., sex. e dom.), R$ 15 (sáb.).

Antonin Artaud

Monólogo sobre o escritor que passou 12 anos preso num manicômio e criou o Teatro da Crueldade. Encenação: John vaz. Texto: Antonin Artaud. Tradução e adaptação: Lula Dias. No elenco, John Vaz. Supervisão Geral: Stênio Garcia.**Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Sábados e domingos às 20h. R$ 10. Estacionamento próprio. Até 30 de julho.

A Rosa Tatuada

Único texto de Tennessee Williams com humor e final feliz, sobre uma mulher de 40 anos que redescobre o amor. Direção de Felipe Tenreiro. Com Louise Cardoso, Leonardo Brício e Mariana Ximenez. **Espaço 1 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.). Estréia dia 9 de junho.

A Serpente

Última peça escrita por Nelson Rodrigues. Conta a história de duas irmãs que fizeram um pacto de morte na infância. Direção de Luiz Arthur Nunes. Com Viviane Victorette, Alessandra Marzo e Alexandre Schumacher. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.). R$30 (sáb.).

Brejeirices

Três histórias de Arthur Azevedo sobre o amor. Direção de Daniel Marques. Elenco: Valéria Seabra e Renato Peres. **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel 446, Copacabana). Fone: 275-6695. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 e meia entrada para estudantes e maiores de 65 anos. Estréia dia 23 de junho.

Confie em Nós Duas

Texto de Glória Lotfi abordando a difícil relação entre uma psicanalista e sua paciente. Direção de Camilla Amado. No elenco, Dedina Bernardelli e Clarisse Niskier. **Teatro Museu do Telephone/Telemar** (Rua Dois de Dezembro, 63, Catete). Fone: 556-3189 e 556-1148. De 16 a 24 de junho, 19h. R$ 10. Até 25 de junho.

Decadência

Comédia sobre dois amantes, do ator, diretor, dramaturgo e poeta inglês Steven Berkoff. Direção de Vitor Garcia Peralta. Com Beth Goulart e Guilherme Leme. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 540-6004. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Este Mundo é um Pandeiro – Uma Crônica Musical (1939-1959)

Um passeio por 20 anos de história do carnaval carioca, com quadros que relembram cabaré, circo, music hall, vaudeville e teatro de revista. Concepção, texto, seleção musical e direção de Djalma Thürer. Com os formandos de 99 da Escola de Teatro Martins Pena. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. De quarta a sábado, 18h30. R$10.

Gazhal

Espetáculo reunindo os versos do poeta persa Jalalludin Rumi, do século 18, e os recursos da Internet. Criação e direção de Regina Miranda e Atores Bailarinos. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n). Fone: 232-8701. Quinta, sexta e domingo, 19h. Sábado, 21h. R$ 10.

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

H.H.

Compilação de textos da dramaturga, poeta e ficcionista Hilda Hilst. Direção e concepção, Ana Kfouri. No elenco, o Grupo Alice 118. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15. De 19/6 até 9/7.

Hilário

Espetáculo de humor com Jonas Bloch interpretando vinte personagens. A comédia teve preparação corporal de Rodrigo Pederneiras e figurinos de Cláudio Tovar. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. De quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$5 (qua.) e R$10 (qui. a dom.).

Macário

Única obra escrita para teatro pelo poeta Álvares de Azevedo. Sobre um jovem autor que se depara com o enigma da morte. Direção de Otávio Müller. Com Caio Blat, Ana Beatriz Nogueira e Emílio Orciollo Netto. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 294-4480. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex. e dom.). R$20 (dom.).

Maratona

Os encontros e desencontros de um casal são o tema da peça de Naum Alves de Souza, com direção de Darson Ribeiro. No elenco, Fátima Freire e Rogério Fabiano. **Teatro Cândido Mandes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 267-7295. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex. e dom.). R$20 (sáb.).

O Amigo Oculto

Texto inédito de Augusto Boal. Comédia sobre a troca de presentes entre os membros de uma família em festa de final de ano. Direção de Marília Pêra. Com Silvia Aderne, Fafy Siqueira, Esperança Motta, Cláudio Ghiesse, Françoise Forton, Mario Cardoso, Reinaldo Gonzaga, Débora Olivieri e Alexandre Barbalho. **Teatro Sesi** (Graça Aranha, 1 – centro). Fone: 563-4163. De quinta a domingo.

O Avarento (I)

Nova Montagem do texto de Molière, traduzida e dirigida por João Bethencourt e encenada por Jorge Dória e Ida Gomes. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.).

O Avarento (II)

Montagem do texto de Molière feita por Amir Haddad, com cenários de Lídia Kosovski e música de Tato Taborda. Com Tonico Pereira, Alessandra Negrini, André Gonçalves, Dira Paes, Leonardo Vieira, Emílio de Mello. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66 – centro). Fone: 808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$ 10

O Crime do Doutor Alvarenga

Comédia do cotidiano baseada na relação entre pai e filho. Texto e direção: Mauro Rasi. Assistente de direção: Emílio de Mello. No elenco, Sérgio Mambert, Bel Kutner, Ernani Moraes, Guilherme Piva, Jacqueline Laurence e Giovanni Garcia. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3.555 – Shopping BarraSquare). De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.).

Os Monólogos da Vagina

O universo feminino na peça de Eve Ensler, com direção de Miguel Falabella. Com Cláudia Rodrigues, Zezé Polessa e Vera Setta. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Relax, It's Sex

Comédia musical escrita e dirigida por Wolf Maia sobre situações sexuais inusitadas. Com Danielle Winitz, Adriana Garambone, Heitor Martinez e Marcelo Saback, **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Separações

Comédia dramática de Domingos de Oliveira sobre uma separação e as confusões que ela causa ao redor. Direção de Domingos de Oliveira, que também está no elenco. Com Priscilla Rozembaum, Fábio Junqueira e Maria Ribeiro. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel França, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (sex. e dom.). R$20 (sáb.).

SOS Brasil

Texto de Antônio Ermírio de Moraes abordando os problemas da área de Saúde no Brasil atual. Direção de Marcos Caruso. Com Mayara Magri, Rogério Fróes e Jandir Ferrari. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Tango, Bolero e Cha-Cha-Cha

Mulher e filho são abandonados pelo marido sem que saibam o motivo. Ele retorna dez anos depois, como transexual. Texto de Eloy Araújo com direção de Bibi Ferreira. No elenco, Edwin Luisi, Maria Helena Dias e

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

Miguel Thiré. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187 – Centro). Fone: 280-1382. Quinta e sexta-feira, 19h. Sábado, 20h30. Domingo, 18h. R$ 20.

That's Besteirol – Era Uma Vez nos Anos 60

Esquetes de Miguel Falabella, Vicente Pereira e Mauro Rasi, encenados e dirigidos por Aloísio de Abreu e Luís Salém. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Barnadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.)

Toda Donzela tem um Pai que É uma Fera

Comédia de costumes escrita nos anos 60 por Gláucio Gil. Direção de Marcius Melhem. Com Leandro Hassun, Ricardo Conti e Viviana Rocha. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-7246. Sexta e sábado, 19h. R$12.

Três Vezes Teatro

Montagem de três peças curtas de Anton Tchekhov, Luigi Pirandello e Jean Cocteau. Direção de Édi Botelho. No elenco, Ney Latorraca. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 557-5533. De quinta a domingo, 21h. R$ 10.

Você me Ama?

Diálogo entre Ele e Ela, discutindo a paixão, o ciúme, a angústia e as inquietações da vida a dois. Texto do psiquiatra inglês Ronald Laing. Direção e adaptação de Mônica Alvarenga. Com Gilberto Hernandez e Fernanda Azevedo. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30.

WIT - Jornada de um Poema

Glória Menezes comemora 40 anos de carreira com o primeiro texto da americana Margaret Edson, sobre a luta de uma mulher com câncer. É a primeira direção de Diogo Villela. No elenco, além de Glória, Adriano Reis e Edgar Amorim. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui. e sex.), R$25 (dom.) e R$ 30 (sáb.)

NÃO PERCA

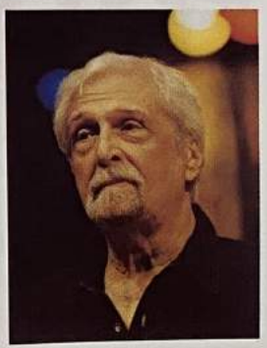
O espectador gostou, assistiu e indica.

Os Monólogos da Vagina

"A peça faz sucesso na Broadway e, agora, também aqui no Rio de Janeiro, dirigida por Miguel Falabella. O elenco é impecável, com Zezé Polessa, Cláudia Rodrigues e Vera Setta. Tenho certeza de que todo mundo vai gostar bastante, tenho certeza!"

Débora Secco, atriz

Tango, Bolero e Cha-cha-cha



"Tango é maravilhoso. Edwin dá um show. Uma comédia sem maiores pretensões e com a única missão de divertir muito. A direção de Bibi Ferreira é um primor. Recomendo."

Sérgio Britto, ator e diretor

O Crime do Dr. Alvarenga

"Recomendo ao público a peça do Mauro Rasi, *O Crime do Dr. Alvarenga*, não apenas para divertirem-se muito, mas também para curtir o excelente trabalho do elenco inteiro. Sou fã incondicional do Guilherme Piva, um ator maravilhoso, sem falar de Sérgio Mamberti. Divirtam-se!"

Giovanna Antonelli, atriz

Três Vezes Teatro

"A escolha dos textos da peça *Três Vezes Teatro* foi muito feliz. O Ney está maravilhoso em cada um dos personagens e sabe dominar o palco como ninguém. O diretor, Édi Botelho, fez um trabalho primoroso na adaptação dos textos, explorando toda a carga dramática do Ney, que pela primeira faz um monólogo. Vale a pena conferir, está lá no teatro Glória."

Maria Padilha, atriz

A nova roupa do rei

A fábula de Hans Christian Andersen leva a vaidade e a trapaça para o palco do SESC Copacabana. Mas com muito humor.

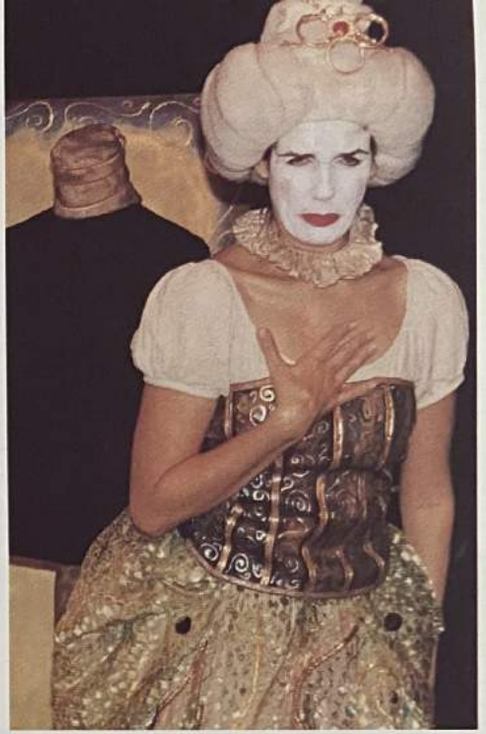
Por Maria Lúcia Rangel

A história do Imperador muito vaidoso, que só se preocupa com suas roupas e ignora os problemas do seu tempo, continua atual. Escrita por Hans Christian Andersen em 1837, autor de país e cultura tão distantes, a fábula surpreende pela proximidade com o nosso mundo. De maneira inteligente e divertida, o autor sintetizou simbolicamente as relações de poder e cobiça. E a Trupe Fabulosa vem de São Paulo para explorar com as crianças cariocas o universo desse conto de Andersen. O espetáculo chega ao Teatro SESC Copacabana no dia 10 de junho, recomendado por um ano de sucesso em diversas unidades do SESC paulista.

"Não é a versão moderna do conto", explica Érika Ribeiro. "Mas o público, tanto infantil quanto adulto, ri com as questões ainda atuais. Em apresentações em São Paulo dentro do projeto Curumim, para crianças carentes que nunca tinham ido ao teatro, assisti cenas emocionantes. No final, quando o imperador é desmascarado, distribuímos bolinhas de jornal para as crianças — que representam os súditos — jogarem no palco. Nunca vi uma chuva tão grande de bolinhas como nestas sessões!".

E o rei está nu...

Há muitos e muitos anos, um imperador vaidoso, preocupado com o que vestir no desfile do seu aniversário, promoveu um concurso para escolher o tecelão que faria seu traje. Dois trapaceiros se candidataram, dizendo-se tecelões e prometendo tecer panos lindos, mágicos e invisíveis para os estúpidos e incompetentes. O Imperador, fascinando, imediatamente escolhe a dupla como vencedora do concurso, maravilhado com a possibilidade de desmascarar os homens do seu reino.



Os falsos tecelões começam a trabalhar, só que as pessoas de confiança do Imperador, que verificam o trabalho, não conseguem enxergar nada. Mas como sabem que só os inteligentes e nobres de espírito são capazes de ver o tecido, dissimulam diante do Imperador, para não ter sua estupidez revelada. Finalmente o dono da roupa faz a prova, elogia o traje que não consegue ver e desfila pela cidade. O povo aplaude, até que uma criança grita inocentemente que o rei está nu. O que acontece depois, só assistindo...

SPOT

Durante a entrega do 7º Prêmio Multishow de MPB...

Wilson Cunha, diretor do Multishow e Canal Brasil.

Fernanda Torres, apresentadora.

Os Raimundos recebem o prêmio de melhor grupo.

Djavan, o grande vencedor da noite: melhor cantor, CD e show. Ao lado, o filho Max Viana, guitarrista.

Sandy ganha o prêmio de melhor cantora. E é cumprimentada pelo irmão Junior.

Bruno e Marcelo, dos Los Hermanos, levam os troféus de melhor música (*Anna Júlia*) e revelação.

Costanza Pascolato, Nelson Motta (apresentador) e Arnaldo Antunes.

Grupo O Rappa e o troféu de melhor clip.

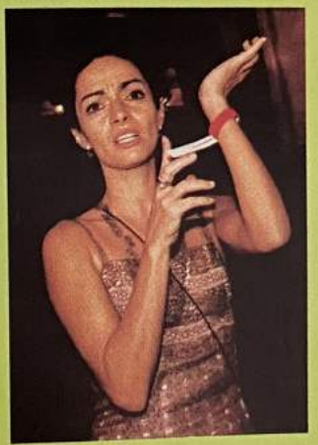
Na platéia...

Tony Bellotto e Malu Mader.

Roger, do J. Quest, e Baby do Brasil.

Christiane Torloni.

Maurício Mattar.



Cláudia Ohana.

Wanderléa e as filhas Yasmin e Jade com Érica da banda Penélope.

Fotos: Publius

Cena Aberta

Oscar Felipe e Maria Helena Dias em *Nossa Vida com Papai*, 1960, no TBC

O mundo da cultura se encontra na Bolsa do Rio.

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

multi show

Apresenta:

Peça que o Multishow apóia

O Multishow saiu na frente. É o primeiro canal de televisão brasileira a fazer making ofs de peças teatrais. Uma Noite na Lua, A Rainha da Beleza de Leenane, Decadência, Coração Brasileiro são algumas das peças que o Multishow prestigiou e apoiou. Se ligue no programa "Multishow em Revista" e fique por dentro dos bastidores das peças que o Multishow apóia.

www.multishow.com.br

Para assistir ao Multishow, assine
Net 0800-992211 ou Sky (0xx11) 3664-6000.

multi show
CANAL GLOBOSAT